

# A INTERTEXTUALIDADE PRESENTE NA OBRA *FICÇÕES LOBATIANAS: DONA ARANHA E SEIS ARANHINHAS NO SÍTIO DO PICAPAU AMARELO* DE HORÁCIO DÍDIMO

*Carla Pereira de Castro*

## **Introdução**

O contato com a literatura infantil surgiu através de Monteiro Lobato, quando ainda na infância, seus pais lhe presenteavam com as obras que iam sendo publicadas, chegando até “Os 12 trabalhos de Hércules” que foi lançado em 1944. A sua admiração pelo escritor Monteiro Lobato que além de editor e escritor também era formado em Direito, era tão imensa que ao ouvir a notícia de sua morte teve um susto, ao saber que perderia para sempre aquele amigo tão caro e admirado por sua literatura.

Tal como Monteiro Lobato que foi influenciado pela literatura universal, Horácio Dídimo também teve inspirações através das leituras de Lewis Carroll, Christian Andersen, irmãos Grimm, dentre outros, que se tornam aparentes em sua tese de doutorado intitulada “Ficções lobatianas: Dona Aranha e as Seis Aranhinhas no Sítio do Picapau Amarelo”.

Nesse estudo será apresentada uma análise das intertextualidades presentes na referida obra.

Horácio Dídimo é poeta, ficcionista e ensaísta brasileiro. Professor aposentado do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará. Formado em Direito e Letras, Mestre em Literatura Brasileira e Doutor em Literatura Comparada. Escreveu vários livros no campo da poesia, ensaio e literatura infantil, entre os quais se destacam: Tempo de Chuva, Tijolo de Barro, A palavra e a Palavra (Amor - palavra que muda de cor), A nave de Prata, A Estrela Azul e o Almofariz (poesia).

Em 2015 lançou o 40º livro de sua carreira, intitulado “A Estrela Azul da Fé e da Poesia”. Para o autor a poesia sempre tem um sentido lúcido e um sentido lúdico. O lúdico é o da brincadeira e o lúcido é o sentido da aprendizagem.

É membro da Academia Cearense de Letras, da Academia Cearense da Língua Portuguesa e membro correspondente da Academia de Letras e Artes Mater Salvatoris (Salvador-Bahia).

Através da iniciativa de Horácio Dídimo foi criada a disciplina de “Literatura Infantil” na UFC, na época a disciplina já era ministrada em outras universidades brasileiras. Através do contato com a Literatura Infantil, ministrada nessa cadeira, surgiu o interesse em escrever para crianças. Monteiro Lobato em certo momento de sua vida também decidiu escrever somente para crianças, pois eram elas que poderiam mudar o futuro do nosso país. “Quero fazer livros para criança morar. Não ler e jogar fora, mas morar como eu morei no Robinson Crusoe” era o desejo de Monteiro Lobato quando começou a escrever livros infantis.

A expressão intertextualidade se refere, basicamente, à influência de um texto sobre outro. Podendo ser explícita ou implicitamente. Vamos apresentar algumas intertextualidades presentes na obra “Ficções Lobatianas: Dona Aranha e as Seis Aranhinhas no Sítio do Picapau Amarelo” de Horácio Dídimo. Obra que teve sua gênese em duas obras fundamentais da literatura infantil de Monteiro Lobato: *Reinações de Narizinho* e *Memórias de Emília*.

A expectativa do título é que a história a ser narrada seja um texto de literatura infantil, entretanto trata-se de um ensaio ficcional sobre o obra de Lobato, uma parábola do Sítio do Picapau Amarelo.

O estudo inicia-se com o “prelúdio”, o primeiro passo da narrativa, onde são apresentados vários trechos de obras que abordam o universo da literatura infantil.

“Para quem não se deixasse sensibilizar pela personalidade cordial e refinada do autor, nem pelo próprio livro, em cada uma de suas páginas, só poderíamos dizer o seguinte: esse tipo de coleção – o de livros infantis – só pode ser apreciado por quem se manteve fiel à alegria que experimentou quando criança, ao ler esses livros”.

(Walter Benjamin. *Livros infantis antigos e esquecidos*)

“De súbito me ocorreu uma idéia, saltei de alegria.

- Eu quero visitar o Sítio do Pica-pau Amarelo.

No mesmo instante me vi andando por uma estradinha, passei por uma porteira, e lá estava a Narizinho Arrebitado sentada nos degraus do famoso sítio, tendo Emília a seu lado. Mandei que a tarde se prolongasse o tempo que eu quisesse e passei toda ela conversando com aquele pessoalzinho, um por um.”

(Fernando Sabino. *O Menino no espelho*)

“- Mas afinal, vovó – perguntou Narizinho - , Lobato era bacharel, era fazendeiro, industrial, editor, escritor ou o quê?

- Para responder a isso, minha filha, vou repetir Emília. Quando o Visconde, nas Memórias da Emília, perguntou:

“-Mas afinal, Emília, quem é você? – ela respondeu como Lobato poderia ter respondido:

“- Eu sou a Independência ou Morte!”

(Ruth Rocha. *Era uma vez*)

“Os intérpretes de intérpretes, cantadores de outros cantos, possibilitam o renascimento, ainda que fragmentário, do corpo, da voz, enfim, da vida dos falantes de todos os tempos e lugares.”

(Eneida Maria de Souza. *A Pedra mágica do discurso*).

Ainda no prelúdio temos início ao texto que traz a personagem Dona Aranha que ajudada por seis aranhinhas, tece e costura um vestido

para Narizinho. Esse trecho traz uma citação da obra de Monteiro Lobato, “Reinações de Narizinho”, o qual Dona Aranha fala sobre os vestidos que já fizeste incluindo um em especial para o baile de Cinderela. Em seguida outros personagens vão sendo descritos, Dona Benta, tia Nastácia, Emília e Lúcia, a menina do narizinho arrebitado, todos personagens do Sítio do Picapau Amarelo que são apresentados através do fio textual.

Cada aranhinha está ligada a um fio, a primeira intertextual, apresenta os personagens do mundo maravilhoso de Dona Carochinha, como Cinderela, Branca de Neve, o Pequeno Polegar, o Gato de Botas, Ali Babá, Aladino e a própria Xeerazade.

A segunda aranhinha apresenta um fio intercontextual que é responsável pelo aparecimento de personagens de outros sistemas semióticos como Tom Mix e o Gato Félix, dos contextos cinematográfico e das histórias em quadrinhos.

Enquanto o fio extratextual da terceira aranhinha vai transformar pessoas reais em personagens. Quando os personagens do sítio visitam o País da Fábula e lá encontram o Senhor de La Fontaine.

A quarta aranhinha apresenta o fio transtextual que transforma os textos das histórias, adaptando-as, recontando-as ou traduzindo-as. O lobo e o cordeiro aparecem como personagens transtextuais de uma fábula recontada.

A quinta aranhinha explica o fio metatextual o qual introduz os personagens de personagens, os metapersonagens. São personagens que fazem o papel de outros personagens ou personagens de meta-histórias, segundo Horácio Dídimo são histórias que se passam dentro de outras histórias, num nível metadieético.

A sexta aranhinha cria novos personagens inspirados em personagens já existentes, trata-se do fio hipertextual.

No número dois, temos o livro fictício (texto, paratextos e epítextos), onde se inicia a narrativa “Dona Aranha e as seis aranhinhas no Sítio do Picapau Amarelo”, lançado pelas Edições UFC em 1996. No sumário são descritos os capítulos que irão se seguir. O prefácio; Dona Aranha Costureira; A primeira aranhinha; A segunda aranhinha; A terceira

aranhinha; A quarta aranhinha; A quinta aranhinha; A sexta aranhinha; O Epílogo; O Posfácio; A família Aracne (Genuíno Selbst); O Itinerário de um repórter (Walter Rego); A Caixinha de perguntas (Depoimento do Editor) e Os sete pimpoemas de Hermano Brat.

O prefácio escrito por Adelphos Bruder tem como título “As sete chaves do tamanho”, onde ele explica e relaciona a outros números setes. Ele começa por afirmar que segundo Emília, a teia lobatiana não é nenhum bicho-de-sete-cabeças, embora o segredo estivesse guardado debaixo de sete chaves que estão ligadas a Dona Aranha e as suas seis filhas que desempenham um extraordinário papel, na verdade elas constituem as sete chaves de tudo o que aconteceu e está acontecendo no Sítio do Picapau Amarelo. E que tudo está contado nos sete capítulos deste livro e ainda no prefácio, no posfácio e nas duas orelhas.

O primeiro capítulo tem como título “Dona Aranha Costureira” e logo em seguida apresentam-se algumas citações de obras clássicas que abordam o mesmo tema.

“Mal Aracne foi tocada pelo filtro maldito, caíram-lhe os cabelos, o nariz e as orelhas; a cabeça tornou-se minúscula e o corpo se encolheu proporcionalmente; nas ilhargas se prendem dedos em lugar de pernas; o resto é o ventre, de onde, no entanto, deixa escapar o fio, e, tornada aranha, continua a tecer, como antigamente.

(Ovídio. *As metamorfoses*, p. 107).

Fica quieta, me deixa subir  
e fazer no teto um lustre, uma rosa.

Sou aranha-tatanha, preciso viver.

(Carlos Drummond de Andrade. Noite na repartição.  
In: *Poesia completa e prosa*, p.172).

Dona Aranha Costureira e a fiandeira-mor dos textos de Lobato. Para a Emília é a Velha Dozona. E as seis aranhinhas são as secretárias, as senhoritas Deuterinhas. São a Rezinha Alaranjada, a Mizinha Amarela, a Fazinha Verde, a Solzinha Azul, a Lazineira Anil e a Sizinha Violeta. Esses

nomes foram dados pela Emília, pois o Visconde tinha adotado para elas um nome científico.

O capítulo seguinte é intitulado “A primeira Aranhinha” que recebe um texto inicial de Roland Barthes da obra “O Prazer do Texto”. A primeira aranhinha, a Rezinha Alaranjada ou Aranhinha Inter recebe no Sítio os personagens intertextuais da obra de Fernando Sabino, Fernando Odnanref e Mariana, a agente Anairam, da Sociedade Secreta Olho de Gato.

Na sequência o segundo capítulo chama-se “A segunda Aranhinha” e tem como texto de apresentação um trecho da obra “Leia e passe adiante” de J.O. de Graft Hanson. A segunda aranhinha, a Mízinha Amarela ou Aranhinha Intercon, recebe, como personagens intercontextuais, o Prof. Pardal e o Lampadinha, do contexto das histórias em quadrinhos. Os dois chegaram rapidamente após terem permissão para pousar, desceram suavemente bem no centro de pimpódromo, sob uma chuva de aplausos e aclamações.

O terceiro capítulo inicia-se com um texto de Manuel Bandeira de sua obra “Poesia Completa e prosa” e faz referência a terceira aranhinha, a Fazinha Verde ou Aranhinha Extra que registra o nome do Poeta Manuel Bandeira, como personagem lobatiano e que grava tudo num novelozinho verde.

A quarta aranhinha, a Solzinha Azul ou Aranhinha Trans, trás como texto inicial um poema de Francisco Carvalho de sua obra “O tecedor e sua trama”. Ela ajuda a transformar os textos das histórias do Pato Pateta, de Vinícius de Moraes, do Assum Preto, de Luiz Gonzaga e até do Jardineiro Timóteo e da Negrinha, de Monteiro Lobato, para salvá-los e levá-los para o Sítio, como personagens transtextuais.

A quinta aranhinha, é apresentada com um poema de Horácio Dídimo, extraído das historinhas do Mestre Jabuti. A Lazineira Anil ou Aranhinha Meta, ajuda Emília a encenar a apresentação do seu discípulo, o metapersonagem Mestre Jabuti. Emília explica para o Visconde que como o Mestre Jabuti é seu discípulo e como os discípulos são uma espécie de filhos espirituais, as historinhas são minhas netas.

A sexta aranhinha, a Sizinha Violeta ou Aranhinha Hiper têm como texto introdutório “O Inútil” de Thomas Merton. Ela ajuda o

Visconde a fabricar os robozinhos Pito e Tito para que possam ajudá-la na recepção do repórter Hermano Brat. Hermano ao chegar desembarca com uma pasta na mão e duas sacolas penduradas no pescoço. E explica que as sacolas eram pesadas mas indispensáveis pois traziam notas e epígrafes. Os robozinhos são hiperpersonagens por terem sido produzidos na linha de montagem dos Lampadinhas e o repórter, por pertencer à linhagem intelectual dos Sabugosas.

No final da narrativa o autor escreve um epílogo mas logo adianta que o epílogo é apenas um momento de descanso dos personagens: é a hora em que o anjinho Flor-das-Alturas desce das nuvens e começa a adoçar todos os sonhos. Para apresentar o epílogo o autor destaca um trecho de “Orar com o Coração”, obra de Jean Lafrance. Após o epílogo segue-se o posfácio, com os seguintes capítulos: a oitava chave, a família Aracne, o Itinerário de um repórter, A Caixinha de Perguntas e os sete Pimpoemas de Hermano Brat.

Segundo Horácio Dídimo, são paratextos do livro fictício o título do livro, o nome do autor, local e data, os intertítulos, o prefácio, o posfácio, as duas ilustrações, as epígrafes e as notas. São os chamados peritextos: estão em torno do texto, bem próximos a ele ou nos seus interstícios. O prefácio e o posfácio foram escritos pelo editor Adelphos Bruder.

O prefácio, intitulado As Sete Chaves do Tamanho, esclarece que o objetivo do livro-reportagem é revelar ao respeitável público o extraordinário papel desempenhado por Dona Aranha Costureira e suas esperas aranhinhas no mundo Iobatiano. Elas constituem as sete chaves de tudo o que aconteceu e está acontecendo no Sítio do Picapau Amarelo. O posfácio, intitulado A Oitava Chave, revela o verdadeiro nome do autor do livro: Hermano Brat.

Os epitextos estão também em torno do texto, embora um pouco mais distanciados. Estão aqui representados pelos elementos anexados ao posfácio: os comentários dos personagens Genuíno Selbst e Walter Rego, o depoimento do editor e os pimpoemas de Hermano Brat. Na verdade os epitextos são também paratextos.

A Família Aracne, de Genuíno Selbst, é o retrato da família revelado pelas epígrafes dos sete capítulos e o Itinerário de um Repórter, de Walter Rego, é a parataxe dos passos do personagem-autor, dos palimpsestos de Genette ao espelho de Fernando Sabino. O editor Adelpnos Bruder conta em seu depoimento A Caixinha de Perguntas tudo o que viu no I Congresso das Aranhas Textureiras durante os preparativos da edição do livro de Hermano Bratno Sítio do Picapau Amarelo. Os sete pimpoemas de HB encontrados pelo Visconde no fundo da redinha dos hóspedes, no apêndice do Sítio, constituem o encarte especial que, segundo a Emília, deve ser lido como uma sobremesa poética.

### Considerações Finais

Ao lermos a obra “Ficções Lobatianas, Dona Aranha e as Seis Aranhinhas no Sítio do Picapau Amarelo” de imediato nos reportamos as lembranças de infância, quando assistíamos aos episódios que narravam inúmeras aventuras vivenciadas no sítio da Dona Benta, também conhecido como o Sítio do Picapau Amarelo. Episódios inspirados na riquíssima obra de Monteiro Lobato. Ali não tínhamos acesso apenas a personagens na literatura brasileira mas também e sobretudo da literatura universal.

Na obra de Horácio Dídimo podemos apreciar uma análise do mundo ficcional de Lobato tendo como referências “Reinações de Narizinho” e “Memórias da Emília” narrativas essenciais da literatura infantil e onde podemos evidenciar a intertextualidade presente na obra de Monteiro Lobato

### Referências

DÍDIMO, Horácio. *Ficções lobatianas: Dona Aranha e as seis aranhinhas no Sítio do Picapau Amarelo*. Fortaleza: EUFC, 1996.

\_\_\_\_\_. *A chave mestra de dona aranha - Síntese de ficções lobatianas: dona aranha e as seis aranhinhas no Sítio do Picapau Amarelo*. <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3210>